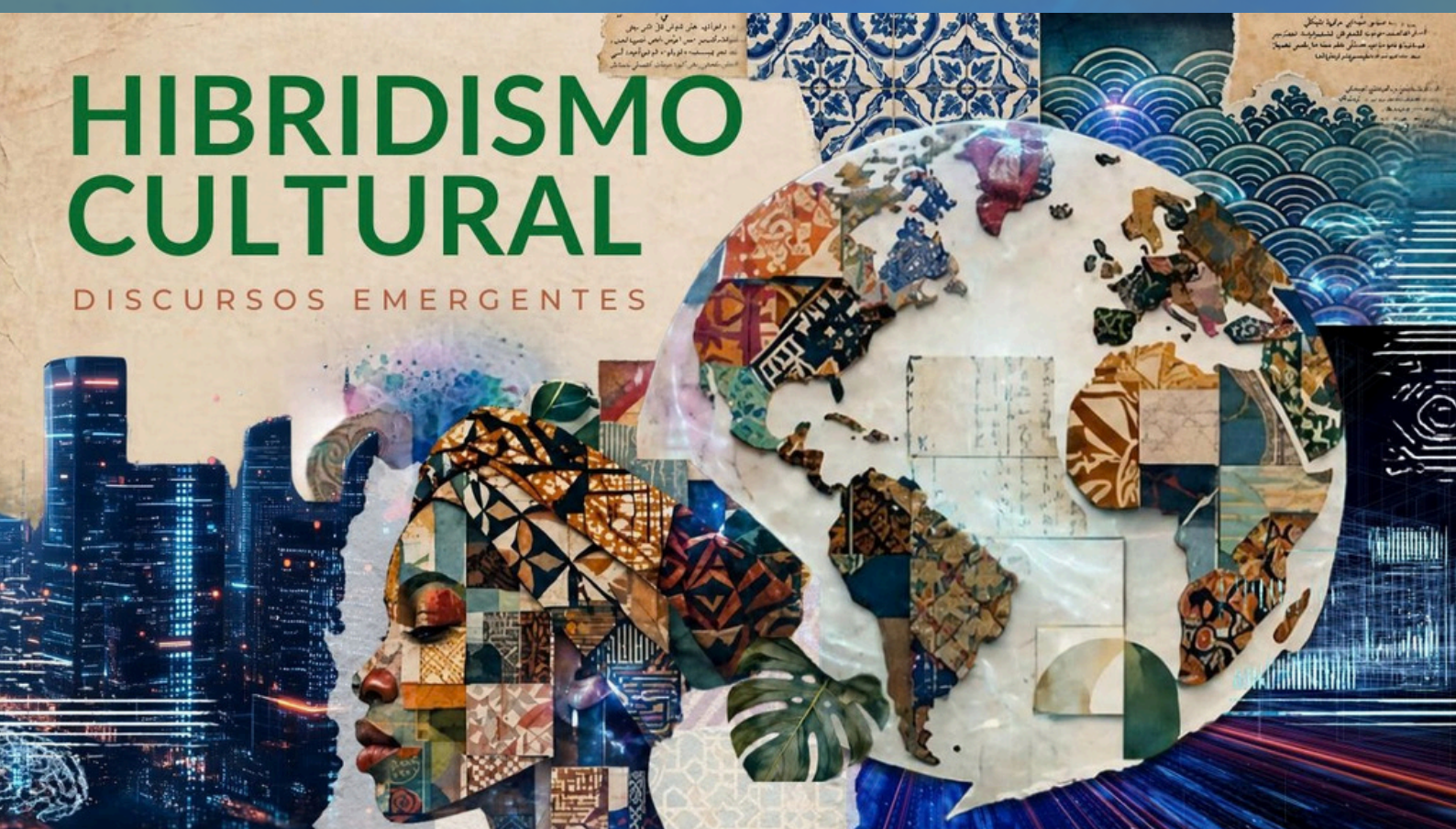


ENCONTRO MODAL



HIBRIDISMO CULTURAL

DISCURSOS EMERGENTES

Um convite imperdível à reflexão sobre as vozes de ontem e de hoje, os textos que atravessam o tempo e os sentidos que dão forma ao mundo contemporâneo.

- 03** EDITORIAL
- 04** PERCEPÇÕES
PERCEPÇÕES TEXTUAIS E DOS DISCURSOS EMERGENTES
- 05** LITERATURA E LINGUÍSTICA
PAPÉIS SOCIAIS E HIBRIDISMO LINGUÍSTICO EM AMBIENTES MULTICULTURAIS
- 07** HISTÓRIA
CULTURA E MOVIMENTOS CULTURAIS A PARTIR DAS HIBRIDIZAÇÕES NA HISTÓRIA: O CASO DO RENASCIMENTO NA EUROPA
- 09** SAÚDE INTEGRAL
"A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA"
- 10** COSMOVISÃO TEOLÓGICA BÍBLICA
POSSIBILIDADES DE TRILHAMENTOS EMERGENTES
- 11** PONTOS DE VIRADA
PONTOS DE VIRADA: PARTIR
- 12** PROSA E VERSO
ATRAVÉS DO CONTO
- 13** ESTÉTICA MUSICAL
O HIBRIDISMO NA HISTÓRIA DA MÚSICA
- 15** FENOMENOLOGIA
O "INDO DA HISTÓRIA" E A PERCEPÇÃO DAS HIBRIDIZAÇÕES CULTURAIS E POSSIBILIDADES PERANTE AS REDES SOCIAIS E SUAS TECNOLOGIAS
- 17** ESPAÇO ENSAIOS
ENSAIO SOBRE O TEMPO: Travessias Híbridas entre Palavra, Som e Discursos Emergentes

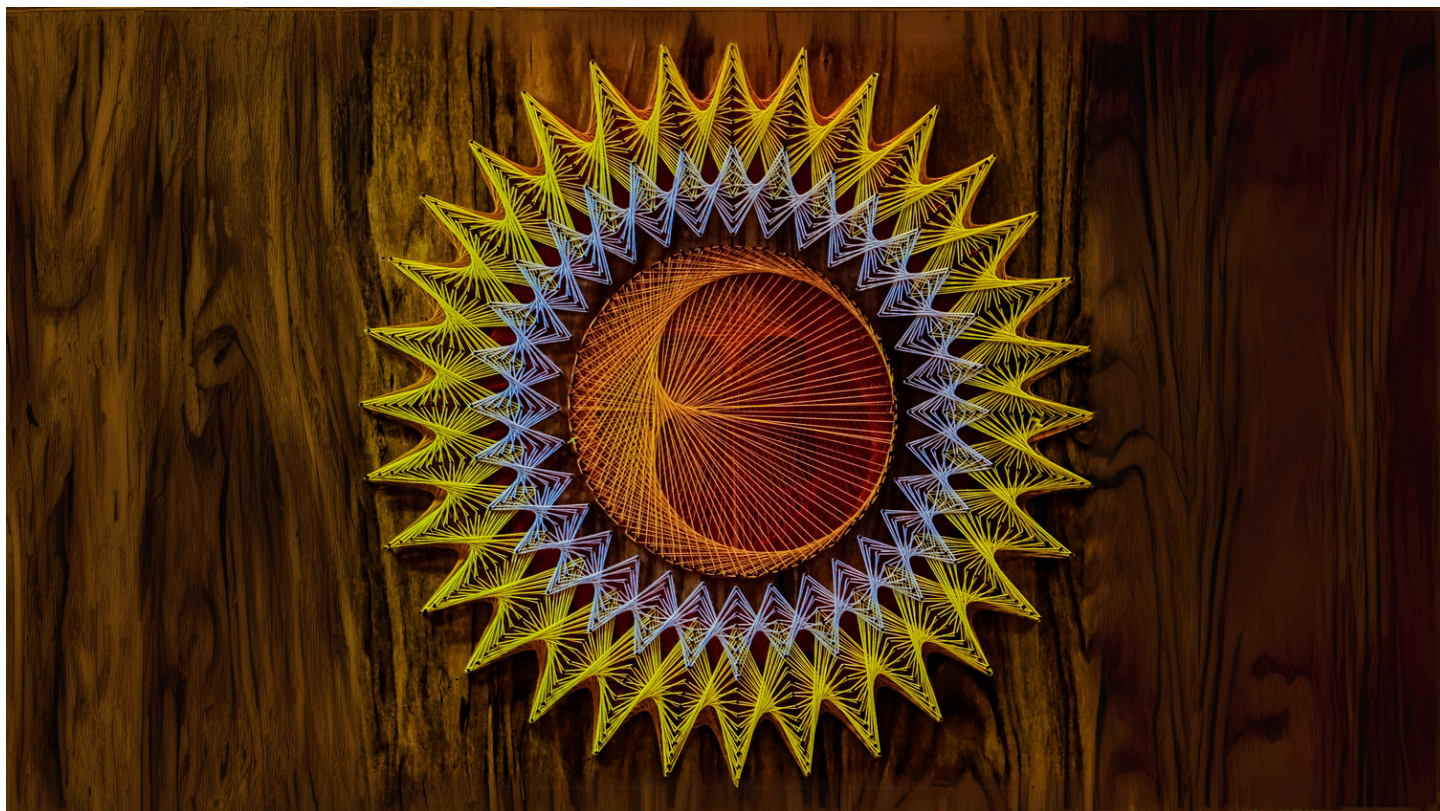


Uma reelaboração de conceitos visa dar conta de espaços ambivalentes das culturas no intento de buscar interrogar um sistema de valores e conceitos em torno das diferenças e suas inserções de produções socioculturais.

O discurso contemporâneo em suas reflexões sobre a transdisciplinaridade, suscita e sinaliza um movimento e mudanças que provocam desestabilizações e que demandam novas teorias e conceitos.

A questão do hibridismo cultural, própria do mundo pós-colonial, espaços transnacionais e transculturais de negociações em todos os campos sociais e culturais históricos, se constituem como ambientes de adequações para a pluralidade de sentidos, espaços teóricos interdisciplinares com discursos híbridos e de articulações e análise interrelacionais pessoais e corporativos.

Possibilidade de trânsito por espaços híbridos, manifestações culturais que buscam questionar espaços fragmentados, com uma necessária expansão de abordagens, no que possibilitam exercícios permanentes e constantes de articulações analíticas de intertextualidade e abertura para a possibilidade no processo de significação numa rede que admite que cada elemento modifica ou acrescenta novos/outros elementos à significação simbólica produzida.



PERCEPÇÕES TEXTUAIS E DOS DISCURSOS EMERGENTES

Reflexões sobre a transdisciplinaridade suscitam e sinalizam novos espaços, novas teorias e conceitos que implica um trânsito necessário entre os campos de saberes, como forma de ampliação do olhar e de rupturas das convenções contingenciais do suposto teorizado.

A questão do hibridismo cultural que se apresenta em espaços transnacionais e transculturais de construções de conteúdos e narrativas linguísticas, manifesta uma produção textual cada vez mais híbrida, constituindo espaço de pluralidade e de sentidos múltiplos.

O rigor da atenção e os estudos culturais, intensificam a análise intertextual e a sociocultural de conteúdos e de textos, de saberes, de pesquisas e de estudos nas representações de identificações culturais distintas.

Expandir, na tentativa de dar conta de discursos diversos e culturas distintas, com o conceito de hibridismo, possibilita articulações culturais com teorias ampliadas de abordagens, no sentido de produzir efeitos diferentes em situações diferentes, visando à produção do conhecimento e à recepção e aceitação entre as culturas.



PAPÉIS SOCIAIS E HIBRIDISMO LINGUÍSTICO EM AMBIENTES MULTICULTURAIS

O uso de linguagens híbridas em ambientes multiculturais tem emergido como um tema central na linguística contemporânea, particularmente no contexto das interações sociais e profissionais. Nesse cenário, os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos influenciam diretamente a maneira como as línguas são usadas e adaptadas. O hibridismo linguístico, entendido como a mescla de elementos de diferentes línguas em um único ato comunicativo, reflete não apenas a diversidade cultural, mas também as dinâmicas de poder, identidade e adaptação em contextos onde múltiplas línguas coexistem. Essa prática é cada vez mais observada em ambientes profissionais multiculturais, onde as necessidades de comunicação transcendem as barreiras linguísticas tradicionais.

Mikhail Bakhtin, em seus estudos sobre dialogismo, argumenta que a linguagem é inerentemente moldada pelas interações sociais, sendo “impregnada de intenções e significados que refletem as posições sociais dos falantes” (BAKHTIN, 1981, p. 293). Em ambientes multiculturais, as escolhas linguísticas são influenciadas não apenas pelo contexto cultural, mas também pelos papéis que os interlocutores desempenham dentro de uma hierarquia social ou profissional. Por exemplo, em um espaço corporativo globalizado, um gerente pode alternar entre o uso de elementos da língua franca dominante (como o inglês) e expressões nativas de seus colaboradores, como forma de promover um ambiente mais inclusivo ou demonstrar sensibilidade cultural.

Jan Blommaert, em seus estudos sobre práticas discursivas globais, destacou como o hibridismo linguístico reflete as desigualdades sociais e os fluxos de poder em contextos multiculturais. Ele argumenta que “a linguagem no mundo globalizado é um espaço de tensões, em que diferentes valores,

normas e práticas se cruzam” (BLOMMAERT, 2010, p. 5). Isso é particularmente relevante para o hibridismo linguístico, onde a adoção de variações linguísticas serve tanto como uma ferramenta de inclusão quanto como um reflexo das dinâmicas socioculturais do ambiente. A linguagem híbrida, nesse contexto, atua como um recurso estratégico para superar barreiras culturais e sociais, ao mesmo tempo em que reflete desigualdades estruturais.

Além disso, Ben Rampton, em suas análises sobre linguagem e identidades sociais, contribui para a compreensão de como o hibridismo linguístico pode ser utilizado para a construção e a negociação de identidades. Segundo Rampton (2006), “as práticas linguísticas não apenas expressam identidades, mas também moldam as possibilidades sociais dos falantes”. No contexto dos papéis sociais em ambientes multiculturais, a escolha de integrar elementos de diferentes línguas reflete tanto uma adaptação ao ambiente quanto uma forma de resistir a uma hegemonia linguística. Por exemplo, em um ambiente de trabalho onde o inglês é a língua oficial, a inserção de expressões de outras línguas por parte dos falantes pode servir para reafirmar suas identidades culturais.

Em suma, os papéis sociais e profissionais exercem uma influência substancial sobre o uso de linguagens híbridas em contextos multiculturais. A linguagem híbrida emerge como uma prática dinâmica e estratégica que não apenas facilita a comunicação, mas também reflete as interações complexas entre identidade, poder e cultura. Assim, compreender o hibridismo linguístico à luz dos papéis sociais e das dinâmicas multiculturais é essencial para aprofundar as discussões sobre as implicações sociais da linguagem em um mundo cada vez mais globalizado.



CULTURA E MOVIMENTOS CULTURAIS A PARTIR DAS HIBRIDIZAÇÕES NA HISTÓRIA: O CASO DO RENASCIMENTO NA EUROPA

Falar de “hibridização cultural” é se deparar com a abertura de janelas sobre o que se quer dizer com esse termo, além de outras perguntas como o que esse fenômeno nos diz sobre o curso da história humana. O que seria a hibridização? Seria a simples mistura de elementos? Seria a produção de um “novo” com “elementos velhos”? Seria a reunião de opostos, de iguais ou de mesclados? E a cultura? Como está sendo o significado aqui? Com quais debates e significações estamos dialogando, e de que campos ou produções discursivas? Qual sentido está se atribuindo junto com o outro termo de hibridização?

As perguntas podem nos conduzir para encaminhamentos e contextos que convocam seus sentidos e construções próprias. Falar de cultura pode, por exemplo, nos suscitar aos debates antropológicos e a historicidade do seu significado para os estudiosos dos movimentos sociais e culturais. Ou ainda, pode fazer-nos pensar sobre as próprias variações dos seus sentidos a partir dos diferentes discursos dominantes produzidos nos aparelhos de produção discursiva e de poder ao longo da história.^[1]

Uma forma de discutir cultura e hibridização é a de enxergar possíveis relações com os processos históricos no espaço-tempo. Ao contrário da sua compreensão como uma dimensão estanque, portando uma essência de cunho naturalista – como enxergavam pensadores ainda no Iluminismo – algumas correntes antropológicas desenvolvidas durante o século XX apresentaram a ideia de que cada cultura se desenvolve de forma diferente, considerando o contexto, local onde se vive, necessidades e objetos sociais.

Tendo tais noções como fundo, é possível, por exemplo, traçar recortes espaço-temporais para análises dos contatos entre povos com culturas diferentes nas suas formas de relação, sejam elas de parcerias comerciais, trocas, assim como subjugações e violências como conquistas e colonizações. Em parceria com outras ciências humanas, trabalhos recentes do campo histórico trazem à tona importantes panoramas de “hibridizações culturais” que passavam batido, possivelmente em razão dos silêncios das fontes históricas escolhidas como oficiais, ou pelos próprios silenciamentos propositais ou não feitos pelos atores em razão de suas abordagens historiográficas, diretrizes institucionais de sua formação, ideologias ou relações de poder.

Um dos exemplos que podemos levantar é o movimento artístico e intelectual na Europa moderna chamado de Renascimento. Por séculos a historiografia trata-o como um movimento homogêneo de exclusividade e até de genialidade europeia, ignorando-se porém, as contribuições culturais de outros povos como os da África e Ásia para o desenvolvimento tecnológico, artístico e filosófico. É o caso das contribuições dos muçulmanos africanos e árabes chamados vulgarmente pelos ibéricos de “mouros”.

Tendo quase 700 anos de convivência com europeus na Península Ibérica, durante a Idade Média, esses agentes foram responsáveis pela disseminação de cópias, livros e obras armazenadas nas bibliotecas dos reinos muçulmanos africanos, bem como a influência linguística, de técnicas agrícolas de produção e tecnologias nesta parte sul da Europa. A partir do contato com alguns desses povos desde a Idade Média através das cruzadas e rotas comerciais, foi possível, portanto, a geração de um ambiente efervescente de técnicas, acesso às fontes literárias esquecidas, pensadores, elementos naturais que se transformariam em recursos e outros mais que culminaram no Renascimento europeu.

Enxergar tais processos, graças à ampliação das fontes, questionamentos e abordagens, não excluem o apontamento de um ambiente inovador em determinado local ou período, como no movimento cultural renascentista de algumas regiões europeias. Ao contrário, amplia a perspectiva sobre os contatos, visualizando como as hibridizações podem ser catalisadores de tais inovações, ou até de transformações dependendo das relações estabelecidas ao longo dos processos históricos.

[1] Como filósofos e sistemas de pensamento, instituições religiosas, cientistas e ensino, além de movimentos populares organizados ou não.



“A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA”

Arroz, feijão, café, pão, carne bovina e hortaliças são tradicionalmente os alimentos mais consumidos pela população brasileira, embora tenha se observado um declínio no consumo de arroz, feijão, pães, carne bovina e frutas, independentemente da faixa etária da população, nos últimos anos (Rodrigue, et al., 2021). O cenário da alimentação brasileira é rico em variedades de pratos regionais, o que reflete a diversidade cultural e geográfica do país, visto que a construção da dieta de um país ou região relaciona-se a condições histórico-temporais.

A alimentação brasileira recebeu influências da colonização e de fatores naturais, como clima, solo e vegetação. Podemos observar o uso da mandioca (aipim para alguns) em vários pratos típicos na Região Norte; essa influência vem dos povos indígenas que habitavam a região, visto que a mandioca (ou aipim) é o alimento base desse povo. Podemos citar também o uso do milho, do feijão e da rapadura na Região Nordeste, alimentos introduzidos pelas matrizes africanas, indígenas e europeias (Cano, 2021).

As diversidades alimentares da Região Sul podem ser observadas devido à migração dos povos europeus e asiáticos, como, por exemplo, área de influência italiana com o uso do trigo, áreas de influência japonesa com o uso do arroz, peixe e hortaliças, bem como áreas de influência dos povos indígenas Guaranis com o plantio da erva-mate para o chimarrão. A Região Sudeste recebeu vários fluxos de povos africanos, indígenas e portugueses, o que trouxe uma pluralidade que pode ser percebida e diferenciada em cada estado da Região.

“Toda substância nutritiva é alimento, mas nem todo alimento é comida.” (Da Matta, 1987). O alimento pode ser transformado em comida culturalmente, estabelecendo uma identidade. A alimentação é um ato social e cultural com representações simbólicas, como, por exemplo, comida de aniversário, comida de domingo etc. Os elementos culturais se misturam, dando origem a uma nova identidade.

Referências Bibliográficas em modal.asaphministerios.com



POSSIBILIDADES DE TRILHAMENTOS EMERGENTES

As vivências, as relações e a cultura formam, no sujeito, a maneira de ser e de construir os laços sociais, percepções que partem da singularidade dentro de uma complexidade plural da maneira de perceber e se contextualizar no mundo.

Traçar objetivos, trilhas, conquistas, implica um processo de aceitação por meio de significação, ou seja, aquilo que possa dar significância a esses objetivos, trilhas e conquistas; apropriações de formas novas de pensar os conceitos, as definições, as crenças, aquilo que norteia uma pretensa dita liberdade.

Essas determinadas construções de valores passam a ter representatividades significativas como parte da visão de mundo e de *modus operandi*, novos desafios alargamentos do conceito, do pensar que almeje relevância em um novo paradigma que permita integrar discursos nos trilhamentos emergentes.

O campo da Teologia Sistemática remete a importância de pensar os modos de teologizar, tarefa de articular a fé revelada por meio dialógico com outros campos, outros saberes, no intento contínuo e no contexto sociocultural ampliado no engajamento cristão em ações contextualizadas.



PONTOS DE VIRADA: PARTIR

E eu quero ficar aqui, mas às vezes quero partir” (Tiago Arrais)

Você já se encontrou num momento em que sabe que precisa partir?

Partir significa deixar um lugar em direção a outro. Retirar-se.

Mas também significa dividir(-se) em partes, quebrando-se.

O que o dicionário não diz, porém, é que às vezes é o ficar que acaba nos quebrando.

Quando o horizonte se abre à nossa frente, e o convite do sol a seguir em frente para outro lugar é irrecusável. Quando a oportunidade que, por anos pensávamos ser impossível, finalmente se apresenta como possibilidade. Quando a gravidade do novo é tão forte e pujante que deixa tudo ao redor em um estado de suspensão.

Mas... o medo emerge. As desculpas surgem. O fantasma da inércia assombra novamente com as mesmas velhas histórias de terror psicológico: “você não vai conseguir”.

*“Eu tenho pintado quadros do Egito; deixando de fora o que faltava,
O futuro parece ser tão difícil e eu quero voltar!
Mas os lugares que costumavam me acomodar
não podem acomodar as coisas que aprendi
Aqueles estradas foram fechadas pra mim
Enquanto eu virava de costas” (Sara Groves)*

Se por dentro, a decisão de partir é quase que uma certeza, por fora nada ainda mudou. É nesses “pontos de virada” que precisamos nos mover. Malcolm Gladwell compara esses pontos de virada com o que acontece em uma epidemia:

“Este é o paradoxo da epidemia: que para criar um movimento contagioso, frequentemente você tem que criar muitos movimentos pequenos primeiro.” E ainda: “Olhe para o mundo à sua volta. Pode parecer que ele é um lugar imóvel e implacável. Não é. Com o mínimo empurrão – naquele lugar preciso – ele pode ser movido.

Um navio recém construído está seguro no porto, protegido por uma forte âncora. Mas um navio foi feito para singrar os mares, e não para ficar no porto.

Há momentos na vida que os lugares que ocupamos não nos cabem mais. Mas, com um pequeno movimento, no lugar certo, o mundo gira e partimos.



ATRAVÉS DO CONTO

Sentimento afetuoso
 morada das prosas e poesias
 E tudo afeta
 Descobertas continentais
 Inteligências artificiais,
 as múltiplas inteligências
 Manuscritos, ideógrafos, emojis
 Interpretações, ações interpretadas a partir de um
 ponto, o de vista
 O ponto está bem no meio, à espreita de começar
 Mas não seria ele o fim, causais...
 Vírgula, insaciável das pausas curtas exibe-se entre
 curvas
 Pausas
 ora diga, ora reflita, ora pare, ora prossiga
 ora exclamação, junção ou questão, interrogação
 ora explica, dois pontos ou ponto e vírgula
 Aula de pontuação?
 Não.
 Aula de vida

Linguagem, colisão dos mundos perfeitamente
 imperfeitos dos escritos
 Concisão, formal, inclusiva
 Limite
 Referência
 Escolha
 Nem tudo que se diz, escreve
 Nem tudo que é escrito diz
 Entrelinhas, espaços em branco, repletos de
 sentidos, mas
 Outra vez volta a dizer, mas
 Quem tem ouvidos, olhos, sentidos e visão,
 para ver, ler, entender e quem sabe até dizer
 Vida fazes reflexo, ou é refletida
 Um dia te conto, um conto de trilhas
 Pé por pé passo a passo
 Adianta teu dia, mais um dia ou um atraso
 De partidas se fazem os recomeços
 e de muitos “não saberes” vêm os saberes



O HIBRIDISMO NA HISTÓRIA DA MÚSICA

Ele sempre esteve presente nas possibilidades dos compositores como uma ferramenta para compor, seja como fusão de estilos diferentes, técnicas ou diferentes gêneros musicais. Esses elementos e suas fusões podem ser encontrados desde a antiguidade, com as trocas culturais entre as civilizações.

Na Idade Média e Renascimento, os compositores sacros europeus, começaram a utilizar elementos da música popular como as canções folclóricas e danças camponesas em suas obras.

No Barroco e Classicismo, compositores como Johann Sebastian Bach misturaram técnicas italianas, francesas e alemãs em suas composições.

No Barroco brasileiro os ritmos africanos e indígenas começaram a ser utilizados na música sacra e erudita.

No Romantismo, Frédéric Chopin e Franz Liszt utilizaram temas folclóricos poloneses e húngaros em suas composições. Richard Wagner combinou elementos dramáticos da ópera italiana com a tradição alemã, criando um novo conceito de ópera sinfônica. No Brasil, Heitor Villa-Lobos e outros nacionalistas utilizaram a fusão da música erudita com ritmos populares e indígenas.

O hibridismo sempre existiu mas se tornou um movimento na música do século XX, quando as “barreiras” entre os gêneros musicais começaram a se “dissolver” de forma mais intencional e global.

Podemos observar através de alguns compositores como George Gershwin em sua *Rhapsody in Blue* e Igor Stravinsky em seu *Ragtime for Eleven Instruments*, a fusão do jazz e música erudita.

Na música experimental e eletrônica os compositores Karlheinz Stockhausen e Pierre Boulez começaram a usar sintetizadores e gravações eletrônicas na música erudita.

Philip Glass e Steve Reich começaram a incorporar ritmos repetitivos e influências do rock progressivo em suas composições.

Chegando no século XXI com a tecnologia digital e a globalização, o hibridismo se intensificou. Gêneros como trap, hip hop, reggaeton, k-pop e música eletrônica se misturam frequentemente com a música erudita e outras tradições culturais. Artistas como Björk, Max Richter e Ludovico Einaudi exploram essa fusão, criando novas sonoridades.

Roland de Candé em seu livro *História Universal da Música*, diz que a música nunca é definida de forma conveniente. Ele cita J.-J. Rousseau que diz que ela é “a arte de reunir os sons de maneira agradável ao ouvido”. Segundo Candé, nem a música ritual, nem a dramática, nem a militar têm por vocação essencial serem agradável ao ouvido. Ele termina fazendo uma pergunta: “É acaso possível que uma mesma música seja agradável aos ouvidos de todos os homens, quaisquer que sejam sua raça e sua cultura?”



O “INDO DA HISTÓRIA” E A PERCEPÇÃO DAS HIBRIDIZAÇÕES CULTURAIS E POSSIBILIDADES PERANTE AS REDES SOCIAIS E SUAS TECNOLOGIAS

Considerando todas as janelas abertas de encaminhamentos e possibilidades analíticas com a junção da noção de “cultura” e o termo inicial “hibridismo”, podemos nos confrontar com eventos e fenômenos da realidade contemporânea das novas tecnologias e espaços digitais. Aliás, “realidades contemporâneas” no plural talvez fosse mais profícuo em enunciar, ao pensarmos no

movimento histórico como não uniforme e diverso nas diferentes sociedades em seus contextos. A partir dessa premissa, é possível nos arriscarmos em dizer que em cada época os contemporâneos podiam enxergar hibridismos, influências, recuperações ou até a luta por conservações de oriunda de determinadas camadas sociais.

Dizer, porém, que vivemos num “fenômeno enfaticamente novo” quanto a nossa relação entre sociedade, cultura e tecnologia faz correremos o risco de repetirmos os imediatismos, “presentismos” ou culto ao presente que gerações e atores históricos podem cometer quando dizem do seu próprio tempo, na sua relação de olhar o passado, o presente e projetar o futuro desconhecido. Em nosso caso, por exemplo, seria mais simples apontar e exaltar o fato de que as tecnologias que temos não são as mesmas de antes ou que as nossas são mais sofisticadas mediante às novas invenções e também novos desejos e fetiches por elas criadas em nós.

Por outro lado, uma outra forma de pensar sobre o olhar, e o próprio olhar para o movimento histórico da relação entre humanidade, suas tecnologias e culturas recentes esteja também na percepção das possibilidades criadas pelo espaço digital (redes sociais) na sua relação com a dimensão da velocidade cada vez mais recorde. Numa certa linguagem matemática em aberto, seria mais ou menos um $P = C/V$, em que “P” representa a nossa “percepção” das possibilidades criadas na interação entre os usuários das redes sociais, “C” os “conteúdos” (as possibilidades criadas pelo espaço digital) e “V” a “velocidade” cada vez mais recorde na atualização de lançamentos, dados, algoritmos e movimentos dos usuários.^[1]

Buscando pensar, então, sobre alguns fenômenos que nós, contemporâneos desta época, estejamos percebendo de hibridizações e possibilidades que elas acarretam, podemos citar o universo das interações e construções e possibilidades a partir das redes sociais (o “C” de possibilidades criadas). Fruto do processo da globalização em seu encurtamento de distâncias, aumento de velocidades, impulsionamento de valores e fetiches mercantis do capitalismo, podemos pensar no espaço criado das redes sociais entre seus usuários nos seus diferentes locais, interesses, bagagens, histórico-culturais, fetiches, fantasias, idiossincrasias, comunidades imaginárias, afetividades, e etc.

Quantas novas variações e construções de linguagens e sentidos próprios podem ser observadas a partir do contato entre indivíduos, ideias, costumes, produtos, notícias e outras camadas de criação de subjetividades talvez não enunciadas ou conscientizadas com o uso das redes sociais? Já podemos quantificar ou dimensionar os efeitos que os algoritmos têm sobre nós ao disponibilizarem conteúdos com base em afinidades já percebidas pelos robôs digitais e a inteligência artificial? Será que já podemos falar de uma história do uso das redes sociais, e suas comunidades e variáveis de subjetividade dos últimos anos?

Em outra forma de dizer e perguntar: o quanto conseguimos ter a percepção das possibilidades criadas (“P”) com o aumento da velocidade (V) destas variáveis e conteúdos (C – possibilidades criadas) nos territórios digitais? Olhando com as linguagens e preocupações da filosofia da história e também lentes da análise dos discursos, reflexões psicanalíticas e fenomenológicas nos colocamos aqui num emaranhado de perguntas e sensibilidades perante a uma cada vez mais intensa jornada da humanidade nesses intercruzamentos entre a realidade digital e social. Isto é, num cenário de cada vez mais criação de realidades novas e híbridas e que não sabemos ainda bem defini-los por estarmos tão imersos nela, e numa velocidade ainda maior de abertura de campos de possibilidades e hibridizações no curso da vida.

[1] Tal expressão na fórmula indica, por exemplo, que quanto maior a velocidade de lançamentos de plataformas, dados e algoritmos, menor parece ser a percepção dessas possibilidades de uma maneira crítica, isto é, mais naturalizado os movimentos e sensações podem ser pelos agentes.

Referências Bibliográficas em modal.asaphministerios.com



ENSAIO SOBRE O TEMPO: TRAVESSIAS HÍBRIDAS ENTRE PALAVRA, SOM E DISCURSOS EMERGENTES



Ouçã a música - Ensaio sobre o tempo

O processo de musicalização do poema “ENSAIO SOBRE O TEMPO”, de Andrea Cunha, oferece um campo fértil para reflexões sobre o hibridismo cultural e os discursos emergentes que caracterizam a produção textual contemporânea. A transposição do texto poético para uma estrutura musical não se apresenta aqui como simples adaptação de um formato a outro, mas como travessia — movimento em que a palavra escrita, ao encontrar o som, produz algo que não estava contido em nenhum dos dois territórios isoladamente. Tal movimento parece dialogar diretamente com a noção de hibridismo entendida como processo de combinação dos produtos culturais com elementos novos para produzir efeitos diferentes em situações diferentes, conceito-chave para os estudos culturais e uma das matizes condutoras desta edição.

Da Palavra ao Som: A Musicalização como Hibridização Textual

Uma das formas do hibridismo cultural se manifesta na produção textual, que cada vez mais se constitui

como espaço para a pluralidade de sentidos. O poema de Andrea Cunha já carrega essa pluralidade em sua própria arquitetura: organizado em movimentos — Dinâmica, Intervalo, Movimento —, o texto parece saber que era música antes de qualquer som existir. Versos como “O tempo é livre / Ele não se faz de livre ele se faz livre” instauram uma oscilação semântica que resiste à leitura única, e é precisamente essa resistência que a musicalização veio habitar, não resolver.

A análise que precedeu a composição percorreu o texto em camadas — estrutura, temas, elementos poéticos, paradoxos — e esse percurso analítico pode ser compreendido, à luz da Linguística Aplicada e da Análise Crítica do Discurso, como exercício de articulação intertextual: um texto lendo outro, uma linguagem interpelando outra. Como sugere Magalhães (2001), a análise do discurso não se limita ao texto em si, mas alcança as condições sociais de sua produção e de seu consumo.

A musicalização, nesse sentido, seria uma forma radical de análise intertextual — aquela em que a interpretação não se escreve sobre o texto, mas soa a partir dele.

O verso “O isolamento acústico potencializa o som e não incomoda quem está de fora, mas som assim é som de ensaio” parece antecipar essa necessidade de travessia. O ensaio — palavra que nomeia tanto o gênero textual quanto a prática musical preparatória — só ganha sentido quando ultrapassado, extravasado. A abordagem discursiva dos estudos culturais pressupõe uma noção de representação enquanto processo pelo qual os membros de uma cultura usam a linguagem, definida amplamente como qualquer sistema de significação, para produzir sentido. Se a linguagem é qualquer sistema de significação, a passagem do poema à música não abandona a linguagem: desloca-a, hibridiza-a, faz emergir dela um discurso que não existia antes do encontro.

O Jazz Contemporâneo como Linguagem Híbrida

A escolha do jazz contemporâneo como território sonoro para o poema não parece acidental. Trata-se de uma forma musical que carrega, em sua própria constituição histórica, os processos de hibridização que os estudos culturais buscam compreender: nascido do encontro entre tradições africanas e europeias, entre oralidade e escrita, entre estrutura e improvisação, o jazz representa um exemplo paradigmático de como tradições culturais podem ser simultaneamente preservadas e transformadas através de apropriação, citação e ressignificação, como argumenta Monson (1996). O que Bhabha (1998) denomina “terceiro espaço” — aquele onde as identidades culturais são negociadas, contestadas e transformadas — encontra no jazz uma espécie de encenação sonora permanente.

Há uma correspondência sugestiva entre essa natureza híbrida do gênero e o conteúdo do poema. O tempo que “não se prende no presente no futuro tão pouco no passado” ressoa na relação particular que o jazz mantém com a temporalidade: a improvisação acontece no presente, mas cita o passado e projeta o futuro, sem se deixar capturar por nenhum dos três. A recusa do pêndulo — “Há muito tentam prendê-lo no pêndulo, contê-lo nas horas / Enganam-se a si mesmos / Para o pêndulo, e o tempo continua” — encontra na flexibilidade rítmica do jazz contemporâneo uma tradução possível: um pulso que existe, mas que não aprisiona; uma medida que serve de referência, não e cárcere. Como observa Wisnik (1989), as estruturas musicais carregam consigo não apenas

qualidades sonoras, mas cargas simbólicas que refletem diferentes modos de organização da experiência.

A dinâmica interna do poema também parece pedir essa linguagem. O “Intervalo” — momento em que o tempo para diante da perda, “a contar as gotas de tristezas presas no tempo que não passa” — exige uma música capaz de suspensão, de silêncio expressivo, de rubato emocional. E o “Movimento” final, em que o tempo “se faz renascer como esperança”, pede a retomada que o jazz conhece bem: o retorno ao tema que nunca é repetição idêntica, mas reelaboração. A expressividade emocional e a capacidade de variação dinâmica identificadas na análise preparatória não seriam, assim, atributos técnicos do gênero escolhido, mas condições de escuta do próprio poema.

Considerações Provisórias

A musicalização do “ENSAIO SOBRE O TEMPO” não pretende oferecer uma leitura definitiva do poema, tampouco resolver as tensões que ele instaura — resolver seria, mais uma vez, prender o tempo nas horas. O que a travessia entre palavra e som parece revelar é que o hibridismo cultural não é apenas tema de estudo, mas condição de produção: a obra que resulta desse processo é híbrida em múltiplas camadas — texto e música, tradição e emergência, gesto humano e mediação maquínica —, e cada uma dessas camadas guarda as marcas de seu contexto histórico e local.

Se os discursos emergentes se constituem, como sugerem as matizes desta edição, nos espaços onde a linguagem é usada para produzir sentido em situações novas, talvez a produção aqui registrada seja menos um produto do que um desses espaços: um lugar de negociação entre sistemas de significação distintos, cujo resultado permanece aberto à escuta. O verso final do poema — “Do tempo é o tempo que cuida” — sugere uma confiança que não é passividade, mas entrega ao processo. Algo semelhante talvez se possa dizer da própria travessia: do sentido é o encontro que cuida, e o encontro, por definição, não se conclui — continua.

Referências Bibliográficas em modal.asaphministerios.com

Equipe Espaço Ensaio - Jhonata Matias, Andréa Cunha, Felipe Aguiar, Portella e Rovany Pimenta